

EPIFANIA: DA EXISTÊNCIA À ESSÊNCIA

Rayesley Ricarte Costa¹ – UFAM
Suelen Tavares Alemão² – UFAM
Nícia Petreceli Zucolo³ – UFAM

RESUMO: De caráter analítico e bibliográfico, este trabalho visa a investigar em que se aproximam os contos “Laranja de sobremesa”, de Astrid Cabral, escritora amazonense, e “O ovo e a galinha”, de Clarice Lispector, no que diz respeito aos cenários, às epifanias e ao existencialismo. Objetiva-se ainda o trato da literatura como fonte de reflexões como objeto de arte, que pode modificar a existência a partir da interação entre o leitor e obra de arte, neste caso, a Literatura. Para tanto, serão considerados os estudos de Jean-Paul Sartre (1970), Érick Teodósio do Nascimento (2016), dentre outros, para dar sustentação a nossa abordagem.

PALAVRAS-CHAVE: Epifania; Existencialismo; Astrid; Clarice; Literatura.

ABSTRACT: By an analytical and bibliographical meaning, this work aims to investigate in which perspectives are approached the short stories "Orange for dessert", written by Astrid Cabral, writer from Amazonas, and "The egg and the chicken", written by Clarice Lispector, that talks about the scenes, epiphanies and existentialism. There is also the aim to treat literature as a source of reflections as an art object, which can modify existence from the interaction between the reader and the work of art that is, in this case, the Literature. Therefore, it will be considered the studies of Jean-Paul Sartre (1970), Érick Teodósio do Nascimento (2016), among others, to support our approach.

KEYWORDS: Epiphany. Existentialism. Astrid. Clarice. Literature.

¹ Graduando do 8º período do curso de Letras – Língua e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Bolsista-UFAM do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC.

² Graduanda do 8º período do curso de Letras – Língua e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Amazonas. Bolsista-FAPEAM – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – do Programa de Apoio à Iniciação Científica – PAIC.

³ Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo – USP. Professora de Literaturas do Curso de Letras – Língua e Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras – FLet – da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

INTRODUÇÃO

A Literatura esteve, há muito, dissociada do ensino de Língua Portuguesa. Exemplo disto são os cadernos dos estudantes divididos em: Gramática, Produção Textual e Literatura. Por outro lado, discute-se o ensino da Literatura que, em se tratando da produzida no Amazonas, parece à parte da Literatura Brasileira. Produzimos, desta feita, uma Literatura Amazonense, invisível à produzida nos estados que foram palco da construção das artes, o que, num primeiro momento, nos leva a crer que a literatura produzida por cá não está alinhada à produção “universal”, perspectiva que faz com que nomes fiquem sob o grosso pó do tempo.

Nesse sentido, em *Contos de Sagração: Benjamin Sanches e a experimentação estético-formal*, Nícia Petreceli Zucolo (2011) questionará que, ao se considerar a literatura brasileira, ficam de fora os estados periféricos ao eixo Rio-São Paulo, o que, segundo a autora, acarreta injustiças, por serem deixadas de lado obras que têm caráter inovador para as letras, tais quais as produzidas no “centro de efervescência cultural do país” (p. 17).

Talvez essa questão justifique o fato de que, para este estudo, tenhamos selecionado dois textos – um, de Astrid Cabral e, o outro, de Clarice Lispector – que, aparentemente, são díspares entre si, por estarem em eixos opostos, mas que, em análise, muito têm que ver quanto ao conteúdo e à forma.

Algumas linhas para “conhecermos” as autoras dos textos de que trataremos ao avançarmos o estudo, fazem-se necessárias.

De um lado, Astrid Cabral. Poeta, ficcionista e tradutora. Suas obras têm grande relevância para literatura brasileira contemporânea. Embora sua produção tenha sido publicada em diferentes estados brasileiros, bem como tenha sido traduzida para outros idiomas, fazem-se necessário, ainda, estudos que visem a investigar as contribuições de sua escrita para com a literatura, ao se fixar no campo literário em 1963, com o livro *Alameda*, onde está inserido o texto “Laranja de sobremesa”, um dos objetos de estudo deste artigo.

Por outro lado, Clarice Lispector, posta a fortuna crítica em torno de suas obras literárias, abala “os alicerces da linguagem de ficção” com o romance de estreia *Perto do coração selvagem*, em 1943, segundo Teresa Montero (2010). Isto porque sua escrita provoca os alicerces do mundo e as funduras da alma, onde se concretizam as relações humanas. Terreno em que a literatura possibilita “o contato com o outro através da palavra escrita” (p. 13), a palavra escrita singular de Lispector. Do romance à narrativa curta, a genialidade de Clarice não se altera, como veremos em o “O ovo e a galinha”, que constitui o livro *A legião estrangeira*, de 1964.

Propõe-se com este tudo uma aproximação do texto de Astrid Cabral e Clarice Lipesctor, sob o olhar da epifania, voltada à literatura, discutida por Érick do Nascimento, em sua dissertação de mestrado, e sob o olhar do existencialismo, proposto por Jean Paul-Sartre, filósofo francês. Objetiva-se ainda lançar o olhar sobre a Literatura como proponente de momento epifânico, dada a sua força de modificar a existência, após o contato com a realidade transposta, à luz da verossimilhança, bem como à relatividade da realidade, para o texto literário.

DITO E POR DIZER: ENTRELAÇAMENTO DA EPIFANIA E DO EXISTENCIALISMO

Trataremos, nesta seção, sobre a epifania, em suas variadas definições, e o existencialismo proposto por Jean-Paul Sartre. Em se tratando da primeira, “o significado original da palavra ‘epifania’ advém do grego, transliterada como ‘epiphaneia’, e pode significar aparição ou manifestação” (NASCIMENTO, 2016, p. 33). O termo é frequentemente associado a episódios bíblicos, tais como as aparições de anjos, as revelações por meio de sonhos, bem como a própria vinda de Jesus Cristo à terra. Érick Teodósio do Nascimento, em sua dissertação de mestrado *A ascensão da epifania em contos modernos e contemporâneos*, esclarece que, “em passagens bíblicas, é possível visualizar como a epifania apresenta-se como forma de consolidar, transformar e modificar aquele que a vivi.” (NASCIMENTO, 2016, p. 33). Nesse sentido, o anjo que aparece à Maria, para falar-lhe da vinda do seu filho, o filho de Deus, é um dos exemplos de revelação que pode trazer às pessoas envolvidas momentos de reflexão e, a partir disso, pelo menos na ocorrência bíblica, a modificação da sua existência.

Para além do terreno religioso, o termo “epifania” direciona-se a outros campos, e chega à Arte, também, como um momento de manifestação, mas manifestação da consciência frente ao objeto de arte. Temos, então, que a concepção de arte associa-se à literatura, de maneira que a relação entre o sujeito e a arte, pode proporcionar um momento epifânico, ou não. Logo, infere-se que nem todo objeto é criado para arte, mas “tudo pode gerar um momento contemplativo e reflexivo, a depender de quem vê o objeto ou a situação.” (NASCIMENTO, 2016, p. 36).

O momento contemplativo desencadeará várias recordações, de modo a fazer com que o sujeito reflita e traga um novo significado a sua vida, porém, não podemos pensar que essa situação é esperada ou planejada. A epifania acontecerá a partir da preparação do outro, de quem está disposto a enxergar o objeto e a contempla-lo, de modo que “a partir do momento em que o apreciador desse objeto é impactado involuntariamente, ele percebe que sua vida não precisa ser

a mesma, e ocorre a epifania.” (NASCIMENTO, 2016, p. 38). Tem-se, em torno disso, a apreciação seguida de uma meditação e, por fim, o impacto da mudança, mas, vale dizer que o objeto gerador de ponderação num ser não necessariamente desencadeará num outro, posto que “a percepção das coisas e dos acontecimentos nunca pode ser feita da mesma maneira por pessoas diferentes e/ou em momentos diferentes. O que foi Epifânico para um não necessariamente o será para outro, pois as experiências de ambos são sempre diferentes.” (NASCIMENTO, 2016, p. 38). Desta forma, um sujeito que experienciou um momento epifânico com um objeto e, depois de tempos, entra em contato com o mesmo objeto, pode não ter o mesmo momento contemplativo, isto porque as experiências em sua vida fizeram-no outra pessoa.

Em virtude dos fatos mencionados, a epifania na arte aproxima-se da que é possível no cotidiano ao mesmo tempo em que se diferencia. A beleza e sensibilidade de algo que é criado para ser arte, não tira de um objeto trivial a importância da sua existência, que pode desencadear várias memórias e acontecimentos, possibilitando ao sujeito tomar rumos e decisões diferentes. O que se sabe é que a epifania vem como uma revelação a partir da arte ou qualquer objeto do cotidiano, trazendo uma ponderação e uma provável mudança de atitude.

Tendo em vista esses aspectos Epifânicos, que trazem uma mudança a seu apreciador, voltemo-nos a outro fator importante: o existencialismo. Para esse termo têm duas vertentes, a de confissão católica, ou seja, “Deus produz o homem segundo determinadas técnicas e em função de determinada concepção, [...] desse modo, o homem individual materializa certo conceito que existe na inteligência divina” (SARTRE, 1970, p. 4) Esse homem está determinado a funções e ações escolhidas por um deus; o que lhe acontecer ou o estado em que se encontra está para ele como uma peça que não pode ser trocada, sua confecção o limita a uma única função, fazendo-o permanecer da maneira como veio ao mundo.

A segunda vertente é proposta pelos ateus. Eles acreditam, segundo Sartre (1970), que “se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito; este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana.” (p. 4). Logo, o homem existe e depois se cria; essa definição também é utilizada pelo pensamento católico. O homem se concebe e como o quer se revela para sua existência, tudo que faz de si mesmo e todas as suas escolhas é o direcionamento para o seu existir, dando começo a sua essência. “De início, o homem é um projeto que se vive a si mesmo subjetivamente ao invés de musgo, podridão ou couve-flor; nada existe antes desse projeto; não há nenhuma inteligibilidade no céu, e o homem será apenas o que ele projetou ser.” (SARTRE, 1970, p. 4). Não é somente o que ele quis ser, uma consciência da sua decisão, mas as suas escolhas que o direcionaram a uma consequência na qual a culpa de qualquer erro ou

acerto cairá somente sobre si mesmo, mas “quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens.” (SARTRE, 1970, p. 5). Nossas escolhas e imagens projetadas são maneiras de demonstrar como idealizamos o outro e como queremos que esse proceda, nossas decisões quase sempre estão para o bem, a não ser quando há desvio de caráter. Desse modo, somos responsáveis por nós mesmos e por todos, de forma que criamos determinada imagem do homem por nós mesmo escolhido; “por outras palavras: escolhendo-me, escolho o homem” (SARTRE, 1970, p. 5). Estamos condenados a nossa liberdade, somos responsáveis por nossas escolhas e pelas consequências que essas nos trarão, não só a nós, mas ao nosso próximo, pois somos responsáveis, também, por todos os homens.

Levando-se em conta todos os aspectos mencionados da definição de “Epifania” e “Existencialismo” temos uma aproximação dessas teorias, para um a revelação ou aparição que advém do objeto. Sendo ele criado para ser arte ou não, traz para quem o aprecia uma reflexão e uma provável mudança de estado, e para os outros, a responsabilidade que recai sobre o homem da sua própria existência. O que temos é a revelação e a escolha a partir da contemplação do objeto que leva o homem a mudar ou permanecer no estado em que se encontra, não podendo culpar mais ninguém além de si mesmo.

PARÁFRASE E ANÁLISE DO CONTO “LARANJA DE SOBREMESA”, DE ASTRID CABRAL

O conto “Laranja de sobremesa”, de Astrid Cabral, tem como cenário a cozinha, na qual estão a laranja, o prato, a mesa e os talheres. Não há em nenhum momento a presença de uma pessoa praticando a ação; as ações configuram-se sempre em torno dos seres inanimados. Por meio de um narrador onisciente, visualiza-se uma cena cotidiana que, aos olhos de muitos, pode ser compreendida como banal.

A narrativa segue descrevendo essa laranja, e a harmonia em que se encontram os objetos ao seu redor, como se fosse a preparação de um ritual, mas muito incongruente e incerto.

Aquele momento de harmonia, de beleza simples, era inconsistente e precário. Um gesto bastava para desmanchá-lo, banal que fosse. E passaria despercebido como as coisas diárias de que se tece a vida. Nenhuma emoção, pois não há tempo para elas quando se tem a embotada certeza de que o amanhã nos colocará diante do mesmo quadro: a laranja de sobremesa (CABRAL, 1998, p. 49).

Aduz-se, em torno disso, que a construção desse cenário, ou melhor, que a beleza visualizada pelo narrador está associada à preparação de si, posto que é uma cena cotidiana, com a qual se tem contato repetidas vezes, não desencadeando qualquer emoção, isto porque se

sabe que mais cedo ou mais tarde posto estará o mesmo cenário, o que configura a naturalização dos acontecimentos, sejam eles mínimos ou máximos. No entanto, a preparação de si, mesmo que inconsciente, possibilitou a contemplação da beleza do que antes era natural.

A inércia, a da laranja, traz a submissão ao que lhe espera, pois o que está preste a acontecer passa despercebido por já ser natural, se pensada a quantidade das laranjas nos mercados, a produção em grande escala, a disputa de espaço na hora do plantio; todas essas situações não deixam as circunstâncias parecerem inusitadas ou assustadoras, assim como as da vida.

A laranja que, imóvel, aguarda seu destino no prato sobre a mesa, não será comida outra vez, embora tenha sido comprada à dúzia, colhida ao cento. Todos se esqueceram disso, tanto transbordam nas quitandas os paneiros e tão altas as pirâmides e pilhas nos mercados e nas feiras (CABRAL, 1998, p. 50).

Diante da situação em que a laranja se encontra, não há muita coisa a ser feita, senão ofertar o que tem de melhor e mais saboroso. A ação do sacrifício começa, e a faca muito afiada e veloz em pouco tempo desnuda a laranja, deixando-a em um branco opaco e indiferente; sua casca é aproveitada para um chá. Depois, vagorosamente, fica na sua plenitude, nua. E sendo espetada pelo garfo, é entregue ao seu destino, de modo que rejeitado fica o bagaço. As sementes que sobraram irão formar o ciclo novamente, e todo o sacrifício será esquecido e jogado para segundo plano no grau de importância.

Faz-se ver, nesse sentido, que as relações que se estabelecem entre os objetos inanimados muito têm que ver com as relações humanas, uma vez que o doar-se ao outro, certamente, é despir-se, desnudar-se de si para servir de coberta ao outro. Essa perspectiva nos leva a crer no que propõe Sartre ao dizer que estamos, em suma, condenados a ser livres, pois nossas ações, embora estejam ligadas às vontades próprias, provocam eco na existência de outro sujeito.

Para além deste fato, pensa-se também em torno da configuração dos objetos, posto que são dadas a eles características humanas. Isto porque se constituem como alegoria a existência humana, no que diz respeito ao convívio em sociedade, evidenciando as ações dum sobre o outro e suas respectivas consequências.

Podemos, então, alegoricamente, nos colocar como as laranjas, aos montes, que não são percebidas. Ou que, como ser humano, não tem empatia para com o semelhante, desprezando a dor deste, vendo-o em sacrifício.

Comprendemos que a laranja mesmo na sua “morte” transborda o seu aroma, sua cor e seu cheiro, caracterizando e mostrando “a pragmaticidade de um objeto” (NASCIMENTO,

2016, p. 35). Vale dizer também que “aquilo que o faz prosaico e cotidiano, não necessariamente diminui seu potencial estético, podendo ser visto como algo belo e que cause uma epifania.” (NASCIMENTO, 2016, p. 35). Por mais simples que possam parecer os objetos na cena anterior descrita, eles podem ser proporcionadores de um momento Epifânico, acarretando a necessidade de reflexão, isto porque o instante epifânico é involuntário. “‘Em Arte como procedimento’, artigo de 1917, Chklóvski apresenta essa sensação como possibilidade de ser gerada por qualquer objeto do cotidiano, ainda que ele não tenha sido concebido para esse fim” (NASCIMENTO, 2016, p. 36). Nesse sentido, todas as pessoas poderão ter um momento de epifania, talvez não com o mesmo objeto e muito menos a sua escolha, mas tudo pode conceber um ápice para admirar e meditar, a depender de quem está pronto para ver e sentir esse objeto.

Logo, estamos sujeitos à mudança ou não, pois segundo Sartre o homem é responsável por suas atitudes e o que lhe é atribuído está como uma consequência das suas escolhas. “[...] o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo que faz.” (SARTRE, 1970, p. 7). O homem está condenado a sua própria liberdade, de forma que está no mundo para tomar suas escolhas, direcionar sua vida, permanecer ou não na sua condição; não podendo culpar a ninguém além de si mesmo pelo ambiente em que se encontra e como permanece.

Sartre não acredita que há algo superior a orientar e designar um caminho ao homem, e por não ter alguém que será responsável pelos ganhos e perdas, então tudo é permitido, dando ao homem o desamparo por não ter nada a que se apegar, “com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade.” (SARTRE, 1970, p. 7). Noutras palavras, o homem primeiro existe para depois desenvolver sua essência, ele não nasce pronto, se constrói, não vem ao mundo com uma vida predeterminada, ele é livre e por ser livre pode mudar a todo instante o seu estado, permanecendo na condição atual somente por escolha.

Contudo, temos em “Laranja de sobremesa” a criação de um ambiente um tanto comum ao nosso dia a dia que, por vezes, a depender da nossa disposição e preparação, pode nos segurar o olhar e nos permitir ver naquele objeto um desencadear de acontecimentos, que nos fazem refletir e, talvez, mudar a condição na qual nos encontramos, pois a consequência da nossa liberdade está em nossas escolhas; somos livres e estamos condenados a essa liberdade, nada e nem ninguém poderá ser responsabilizado por nossas escolhas.

PARÁFRASE E ANÁLISE DE “O OVO E A GALINHA”, DE CLARICE LISPECTOR

Escrever sobre Clarice, certamente, não é uma tarefa fácil, posta a genialidade de sua escrita. Em relação ao conto que nos propomos a analisar, a responsabilidade parece-nos redobrada, uma vez que a própria Clarice, ao apresentar o texto no Congresso de Bruxaria na Colômbia, em 1975, confessou “É misterioso até para mim”, de acordo com Claire Williams, no texto de introdução ao conto. Ademais, verificamos que pouco se produziu em torno do conto.

Em linhas gerais, “O ovo e a galinha”, neste primeiro momento, remete-nos a mais uma cena corriqueira, do cotidiano, ao observarmos o cenário que envolve toda a narrativa: o ovo sobre a mesa da cozinha; está posto o cenário. Buscam-se, a partir disto, respostas à presença do objeto que parece desencadeador de uma série de reflexões em torno da existência dos seres, sejam eles inanimados ou não.

Por outro lado, temos de refletir também acerca do título do conto e como a relação entre o ovo e a galinha há de se estabelecer no que tange à constituição do todo. Antes, então, de nos voltarmos a essa questão, voltemo-nos a algumas ideias apresentadas por Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, em seu dicionário de símbolos, sobre a simbologia do ovo:

O ovo, considerado como aquele que contém o germe e a partir do qual se desenvolverá a manifestação, é um símbolo universal e explica-se por si mesmo. [...] Nas tradições chinesas, antes de qualquer distinção entre o céu e a terra, o próprio caos tinha a aparência de um ovo de galinha. No fim de 18 mil anos (número-símbolo de um período indefinido), o ovo-caos se abriu: os elementos pesados formaram a terra (**Yan**); os elementos leves e puros, o céu (**Yang**). [...] As ações de pôr e chocar o ovo comportam, por sua vez, diversos aspectos simbólicos que valem a pena ser observados. A galinha que choca é considerada, nas seitas de meditação budistas, como o símbolo da concentração do espírito e de seu poder espiritualmente fecundo (p. 672-675).

Verifica-se que o ovo possui diferentes simbologias, porém a maioria delas está relacionada ao princípio da existência, surgimento de povos e culturas. No conto, há o oferecimento do ovo à nação chinesa pela narradora, o que nos chega com mais sentido ao sabermos que para a tradição chinesa o caos tinha aparência de ovo de galinha e que ao se romper deu-se início a separação entre céu e terra. O sintagma “ovo de galinha” aparece no conto de Clarice para elucidar a ideia de que o “ovo” sem adjunto adnominal, que o qualifica, nada tem de interessante, é assunto efêmero, sem prolongamento: “Com o tempo, o ovo se tornou um ovo de galinha. Não o é. Mas, adotado, usa-lhe o sobrenome. – Deve-se dizer ‘o ovo de galinha’. Se se disser apenas ‘o ovo’, esgota-se o assunto, e o ovo fica nu” (LISPECTOR, 2009, p. 94).

Talvez, ao dizer “ovo de galinha”, mostra-se a dependência de um para com o outro, isto porque sós, não evoluem. A isto se soma o ato de primeiro ser depositária do ovo e de depois ser a que choca o ovo, estando eles interligados para que sejam parte da existência um do outro, como fica evidente ao decorrer do conto, mas que pode ser visualizado também no título “O ovo e a galinha”, no qual a conjunção é aditiva, dando sustentação ao que defendemos aqui.

A narrativa aponta para uma trajetória a ser percorrida, na busca por entendimento do que se constituem as coisas e quais suas finalidades, mesmo que estas já existam há muito tempo e muito já se tenha pensado sobre elas. Talvez este seja o ponto de partida da trajetória sugerida: o cotidiano ressignificado. Nascimento (2016), ao tratar sobre a epifania, esclarece que o resultado desta, em se tratando das personagens do texto literário, pode ser desagradável:

A comparação entre a vida antes e depois da epifania também não é algo agradável, visto que pode ser encarada como uma mudança tardia. A personagem, então, se encontra face a face consigo mesma, pois, no ato da epifania – íntimo, particular e solitário por definição –, ela atingirá uma autorrealização, possível somente naquele átimo de tempo. O impacto da realidade daquele instante pode ter reverberações em outras personagens também, sejam as que estiverem presentes no momento, seja aquelas que fazem parte da vida de quem experimentou a epifania (p. 40)

A epifania se dá no momento em que se contempla o ovo sobre a mesa da cozinha e dele surgem as possibilidades de se pensar a existência deste. Acertadamente, o momento epifânico não se dá pelo querer humano, mas sim pela ação de olhar para o objeto e a partir dele a reflexão; porém, depois das reflexões, fica a cargo do indivíduo que participou da experiência ressignificar sua vivência, ou não, dado o seu poder de escolha para transcender a própria existência. Para Sartre, ao apontar um dos princípios do existencialismo,

O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo (SARTRE, 1970, p. 4).

Logo, o homem apenas existe e o seu existir está condicionado às escolhas que fará para se reafirmar no mundo. Em se tratando do conto, a existência do ovo precede a existência da narradora e sua consciência sobre o fato é marcada ao concluir que mal vê o ovo “e já se torna ter visto um ovo há três milênios”. Mesmo que se tenha visto um ovo há três milênios, ao vê-lo de novo, pode-se dele extrair algo que antes não foi visto, isto porque o olhar de agora excede o de antes, postas as vivências.

Importante dizer que o existencialismo proposto por Sartre não propõe a individualidade, tal como os que são contrários à teoria afirmam. Pelo contrário, o homem, ao

escolher a si, escolhe ao outro também, estando, desta feita, sobre a sua responsabilidade o outro. Em “O ovo e a galinha”, pode-se perceber esta preocupação tanto consigo, ao estabelecermos ligação com a narradora, quanto com o outro, representado pelo ovo, ou pelos “agentes”, abordados na narrativa. Justifique-se em:

No próprio instante de se ver o ovo ele é a lembrança de um ovo. — Só vê o ovo quem já o tiver visto. — Ao ver o ovo é tarde demais: ovo visto, ovo perdido. — Ver o ovo é a promessa de um dia chegar a ver o ovo. — Olhar curto e indivisível; se é que há pensamento; não há; há o ovo. — Olhar é o necessário instrumento que, depois de usado, jogarei fora. Ficarei com o ovo. — **O ovo não tem um si-mesmo. Individualmente ele não existe** (LISPECTOR, 2009, p. 91 grifo nosso).

Somos os que se abstêm de destruir, e nisso se consomem. Nós, agentes disfarçados e distribuídos pelas funções menos reveladoras, **nós às vezes nos reconhecemos**. A um certo olhar, a um jeito de dar a mão, nós nos reconhecemos e a isto chamamos de amor. Então não é necessário o disfarce: embora não se fale, também não se mente, embora não se diga a verdade, também não é mais necessário dissimular [...] **amor [...] é uma condição concedida exclusivamente para aqueles que, sem ele, corromperiam o ovo com a dor pessoal** (LISPECTOR, 2009, p. 97 grifo nosso)

Tomemos, pois, o primeiro excerto, inicialmente, para dizer que o olhar sobre o ovo muito tem a dizer, no que tange a não compreensão da existência dele pela narradora, haja vista que em si ele existe, é constituído de si e se doa ao outro, necessitando, nessa perspectiva, do outro; por isso, individualmente ele não existe. Noutras palavras, olhar o ovo faz com que quem olha tome consciência de sua existência, afastando dele a invisibilidade, mesmo que em si, ele, o ovo, já exista. Vale dizer que ao tomar consciência, não significa compreendê-lo, uma vez que “Entender é a prova do erro. Entendê-lo não é o modo de vê-lo [...] Será que sei do ovo? É quase certo que sei. Assim; existo, logo sei” (LISPECTOR, 2009, p. 92), parafraseando a máxima filosófica de Renè Descartes, que possibilita a seguinte interpretação: a existência precede o entendimento do ordenamento das relações humanas ou, melhor dizendo, nas palavras de Sartre, a existência precede a essência.

No segundo excerto, há o reconhecimento não só de si, mas dos demais. Reconhecemo-nos por não estarmos em si, mas para si, tal qual propõe Sartre. Nesse sentido, ao existirmos, estamos também para o outro, e a compreensão da existência do outro e de si mesmo possibilita a existência do amor, que nos fornece a capacidade de visualizar o ser humano a partir das experiências individuais e coletivas. Somos, pois, responsáveis por nós mesmos e nossas escolhas trazem consigo consequências que podem interferir na existência do outro, por isso, talvez, Sartre tenha dito que estamos condenados a ser livres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que até o momento tratamos dos contos individualmente, postas suas especificidades. No entanto, faz-se necessário, na tentativa de concluir, aproximá-los, de modo a evidenciar como as narrativas se equiparam em relação ao projeto de escrita, se levada em consideração a epifania, que corresponde ao momento de contemplação e reflexão sobre o objeto que a proporcionou e que desencadeará mudanças, ou não, para com o indivíduo que a vivenciou, bem como o “existencialismo é um humanismo”, de Sartre, que direciona o homem à escolha, as quais o constitui.

Desta feita, verifica-se que tanto o conto “Laranja de sobremesa”, de Astrid Cabral, quanto “O ovo e a galinha”, de Clarice Lispector, são construídos envoltos a cenários corriqueiros, do cotidiano, que são invisíveis à existência humana. Nesse sentido, as narrativas se passam no ambiente doméstico, mais especificamente na cozinha, e delas pode-se depreender o momento de tomada de consciência frente aos objetos que ocasionam a epifania, ora já apresentada.

Além disso, podemos aduzir que as escritoras se debruçam sobre a experiência para pormenorizar o acontecimento que, em se tratando da conceituação de epifania, são instantâneos e não se prolongariam por páginas e mais páginas. Talvez, o conto, por se configurar como uma narrativa curta, pode ser compreendido como um terreno propício a manifestação da epifania, posta a sua brevidade.

Por outro lado, os textos se aproxima também no que diz respeito à problemática da existência, isto porque os narradores estão à procura de definições sobre a vida, tendo como ponto de partida os cenários que desencadeiam as reflexões necessárias à mudança frente ao estado em que se encontra o sujeito “experenciador”.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Astrid. *Alameda*. Manaus: Editora Valer, 1998.

CHEVALIER, Jean; GHEERBANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996

LISPECTOR, Clarice. *Clarice na Cabeceira*. Org. de Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco 2009

MONTERO, Teresa. *Introdução*. In: *Clarice na cabeceira: crônicas*; organização de Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2010

NASCIMENTO, Érick Teodósio do. *A ascensão da epifania em contos modernos e contemporâneos*. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza, 2016

SARTRE, Jean-Paul. *L' Existentialisme est um Humanisme*. Les Éditions Nagel, Paris, 1970. Disponível em: http://files.escola-de-filosofia.webnode.com/200000057-5dbaa6008c/sartre_exitencialismo_humanismo.pdf. Acesso em 04 de outubro de 2017.

ZUCOLO, Nícia Petreceli. *Contos de sagração: Benjamin Sanches e a experimentação estético-formal*. Manaus: Editora Valer, 2011